

Os Lusíadas

DE LUÍS VAZ DE CAMÕES

CONTADOS A CRIANÇAS E LEMBRADOS AO POVO

ADAPTAÇÃO EM PROSA DE JOÃO DE BARROS



ÍNDICE

Prefácio	1
I - COMEÇA A VIAGEM	2
II - PERIGOS E TRAIÇÕES	4
III – O REI DE MELINDE ACOLHE OS PORTUGUESES	9
IV – A MAIS LINDA HISTÓRIA DO MUNDO	13
V – O GIGANTE ADAMASTOR	19

Prefácio

O autor desta quase literal adaptação de *Os Lusíadas* reconhece — apesar do respeito, do cuidado e do carinho que pôs na delicadíssima tarefa — que ela é de qualquer modo sacrílega.

Não se toca numa obra de génio, para a apresentar simplificada aos olhos do público, sem a triste e aliás inevitável sensação de amarfanhar a sua beleza, de corromper e desfolhar o seu encanto radioso.

Não me pejo de confessar que estive constantemente angustiado, que sofri contínuos e sérios remorsos, enquanto procurava interpretar, em prosa corrente e fácil, a grandeza, a majestade épica de *Os Lusíadas*.

Insisti e teimei em fazê-lo, não por gosto e deleite no trabalho, mas porque este me pareceu necessário, urgente e — perdoe-se-me o orgulho — sinceramente patriótico.

É costume dizer-se que *Os Lusíadas* são a Bíblia da Pátria, ou, menos retoricamente, o livro nacional por excelência. De facto. Mas essa Bíblia, esse livro intrinsecamente nacional, só tomam contacto com ele — quando o tomam... — os alunos dos liceus, a partir do meio do seu curso, e os adultos.

As crianças não o leem, não o podem ler — as crianças que, por muito pouco que entendam o francês, encontram nessa língua edições, à sua escala e medida, da própria *A Odisseia*, não será tempo de oferecer-lhes uma singela, embora imperfeita adaptação da nossa *Odisseia* — odisseia real, e não apenas imaginária, e, mesmo por isso, mais do que a outra maravilhosa — para que ao menos se lhes tornem familiares o povo, os heróis, os acontecimentos notáveis e celebrados por Luís de Camões e que são glória imorredoura da nossa terra?

Creio que sim. E foi para elas — pensando na alegria de ajudar a criar nas almas infantis o civismo de que tanto falamos e de que tanto carecemos — que me atrevi a reduzir a linhas essenciais, embora pobres, a linhas acessíveis à mais ingénua visão, a opulência de arquitetura, a prodigiosa riqueza de emoções, de sentimentos, de imagens e de ideias, que, página a página, cativam e deslumbram o leitor de *Os Lusíadas*.

Ousarei ainda acrescentar que esta adaptação a consagro também — ao Povo. Não que o Povo — que somos todos nós — ignore o poema, a sua celebridade e a sua inspiração. Mas esquece talvez demais as nobres ligações que dele dimanam. Atrevo-me a supor que ninguém levará a mal que eu tão francamente o diga — e que ninguém deixará de perdoar, pela pureza da intenção, os erros e faltas da minha modesta e receosa tentativa.

João de Barros

I - COMEÇA A VIAGEM

Era uma vez um povo de marinheiros e de heróis, o povo português, o nosso povo, que já lá vão muitos anos — mais de quatrocentos — quis descobrir o caminho marítimo para a Índia. A Índia aparecia então, aos olhos de todos os Europeus, como terra de esplendor e de riqueza, que todos os homens desejavam, mas onde era difícil, quase impossível chegar.

Quatro pequenos navios — tão pequenos sobre o imenso, ignorado Oceano! — Quatro naus comandadas pelo grande capitão Vasco da Gama lançaram-se através do Atlântico, só conhecido até ao Cabo da Boa Esperança, dobraram esse Cabo e puseram-se de vela para a região que demandavam.

O vento era brando, o mar sereno. Até então a viagem correra sossegada. Mas os perigos seriam constantes, a travessia arriscada, a viagem longa. E ninguém sabia ao certo o rumo a seguir, pois nunca outra gente se atrevera sequer a tentar tão comprida e custosa navegação.

Só a coragem e a audácia dos Portugueses seria capaz da proeza heroica!

Iam os barcos já na costa de Moçambique, rápidos entre a branca espuma das ondas.

A Índia estava longe.

Mas o caminho para alcançá-la era aquele, diziam os sábios e marinheiros — e decerto lá chegariam Vasco da Gama e os seus marujos, se o vento e o mar lhes fossem favoráveis e, sobretudo, se a coragem os não abandonasse.

Ai deles, porém!

Sempre que um povo ou um homem tenta desvendar e conhecer paragens até então ignotas, ou realizar um ato nobre e grande, parece que as forças da Natureza, ou a inveja dos outros homens, tudo fazem para os não deixar vencer...

Iam senti-lo e sabê-lo bem os nossos temerários antepassados!

E antes de senti-lo e sabê-lo — já os Deuses ou forças, que vivem nas coisas e nas almas, discutiam se sim ou não os deviam deixar triunfar.

Júpiter, que era o Deus dos Deuses, senhor do Mundo; Vénus, filha de Júpiter, Deusa do Amor e da Ternura; Baco, o Deus da Folia e do Vinho; Marte, o Deus da Guerra; Apolo, o Deus da Luz e do Calor; e Neptuno, o Deus do Mar, juntaram-se todos para resolver se dariam ou não auxílio aos Portugueses.

Basta que Júpiter desencadeasse um grande temporal sobre as frágeis embarcações, para que um naufrágio as engolisse logo e, com elas, os tripulantes e o próprio Vasco da Gama...

Era isto o que nem Vénus nem Marte — amigos dos Portugueses, que são, como ambos esses Deuses, afetuosos e valentes — de maneira alguma queriam.

Mas Baco — sempre tonto e mau, que tivera outrora grande poder na Índia e receava que os Portugueses, conquistando-a, até a lembrança do seu reinado de lá afastassem — Baco preparava-se para os inquietar, desanimando a lusa energia com toda a espécie de maldades e perfídias.

No palácio luminoso, perto das estrelas, em que habitualmente se reuniam — grande conversa e discussão houve entre os Deuses a propósito dos nossos Portugueses e da melhor decisão a tomar sobre o destino das suas naus...

II - PERIGOS E TRAIÇÕES

Foi nesse momento que umas certas ilhas, aparentemente desabitadas, aos olhos de Vasco da Gama e dos seus marujos apareceram, como chamando-os a descansar.

Mas não viam eles razão para ali se deterem...

De uma das ilhas, porém — da Ilha de Moçambique, que estava mais chegada à costa —, partem já alguns batéis. Alegram-se os Portugueses, que há muitas semanas viviam só entre o Mar e o Céu, e que, não desejando embora ali parar, sempre gostavam de encontrar gente a quem falassem.

Perguntaram uns aos outros a que raça, a que lei, a que religião pertenciam os tripulantes dos batéis.

Mouros eram, como depois se viu, Mouros que exploravam o comércio das regiões africanas.

Atracam os batéis às naus, e entraram em amena conversa os Mouros e os nossos.

Os Portugueses, confiados, contavam os seus intentos. Prometeram os Mouros, que se fingiam amigos, indicar-lhes um bom piloto, que mais fácil guiasse até à Índia os navios de Vasco da Gama. E também convencem os Portugueses de que lhes dariam alimentos frescos, e água doce dos rios e das fontes da ilha onde habitavam.

Nessa noite os Portugueses dormiram um sono tranquilo, certos do auxílio tão rapidamente oferecido e que tanto os ajudaria a realizar o seu desejo. Piloto seguro e mantimentos frescos para continuar a viagem — eis, na verdade, as coisas de que mais precisavam então...

Assim que a aurora nasceu, Vasco da Gama — a quem o Regedor ou Xeque das Ilhas anunciara uma visita — mandava embandeirar as naus e adorná-las de toldos vistosos para receber condignamente os seus hóspedes.

Não sabia o Regedor das Ilhas a que país, a que religião pertenciam os Portugueses.

Pensava ao princípio que seriam Turcos, e que adoravam, como ele e toda a gente moura, não Cristo, mas o Deus dos Maometanos, o Deus dos Infiéis — que Portugal tinha sempre e sempre combatido.

Mas receando afinal que o não fossem, e tremendo já de encontrar ali os velhos inimigos de sua raça, pediu ao valoroso Vasco da Gama que lhe dissesse donde vinha, o que pretendia, e que lhe mostrasse os livros da sua Fé, e também as armas fortes que usavam os seus.

Vasco da Gama, leal e sincero, tudo explicou sem dificuldades, por intermédio de um intérprete, já se vê — pois que não conhecia a língua daqueles estrangeiros.

Contou-lhes que se dirigia à Índia, que era cristão e que não trazia nem precisava de trazer consigo os livros da sua Fé, porque tinha os mandamentos desta gravados e guardados na alma.

Mostrou-lhe as suas armas de guerra... Mas só como bom amigo, dizia, acrescentando que desejaria nunca mostradas como inimigo.

Armaduras, pelouros, espingardas de aço e aljavas, bombardas e chuços — tudo o Regedor olhou e admirou, não querendo o grande capitão que se queimassem as estrondosas bombardas, para não assustar o visitante mouro.

Julgava o grande Vasco da Gama — como todas as pessoas verdadeiramente fortes e corajosas — que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

Os homens daquelas ilhas pareciam-lhe inofensivos, amáveis, e nunca indignos da sua amizade...

Enganava-se na sua lealdade...

O mouro, vendo tantas armas e gente tão corajosa, ficou cheio de raiva e de medo.

E, como era mau e traidor, imaginou que os Portugueses fingiam ser bons — só para o atacar na primeira ocasião.

Disfarçou o ódio, calou-o e tratou de não despertar qualquer suspeita nos Portugueses.

Disse que daria um ótimo piloto a Vasco da Gama. Falou-lhe noutras coisas com muita doçura.

Tal doçura, porém, era só astúcia. E astúcia perigosa!

A ideia dele foi logo atrair os Portugueses a uma cilada — e desbaratá-los. Mas disfarçava o ruim projeto.

Toda esta fúria, afinal, porque os Portugueses eram doutra religião — e ele, maometano, nunca perdoara a nenhum cristão as derrotas infligidas a seus avós, em Portugal e em Espanha, pelos nossos antepassados!

Foi então que Baco, mais zangado do que nunca por uma repreensão que Marte lhe dera ao terminar a reunião dos Deuses, resolveu ajudar os Mouros na perfídia que maquinavam.

Pensando sempre que os Portugueses lhe roubariam a fama que ainda tinha no Oriente, transformou-se em Mouro — num Mouro que andava acompanhando o Xeque das Ilhas.

Tais mentiras inventou sobre os Portugueses, chamando-lhes ladrões e assassinos e jurando que em toda a parte onde tinham passado na sua viagem só mortes e desgraças deixavam, que o Xeque se tomou de pavor, e no extermínio completo dos navegadores viu a sua salvação e a da sua gente.

Quando Baco, disfarçado em mouro, anunciando que os marinheiros de Vasco da Gama viriam à terra muito cedo para buscar água doce, aconselhou o Xeque a matá-los todos — preparou-se logo este para tão feia ação, e imaginou logo uma cilada.

A cilada surtiu efeito, infelizmente, como ides ver...

Os Portugueses, na manhã seguinte, lá foram até à praia mais próxima, na intenção de buscar água e de trazer nos seus batéis o piloto prometido.

Mas — graças a Deus! — desconfiados já por certas atitudes e perguntas muito esquisitas do Xequê, armaram-se à cautela. Não levaram, porém, as espadas na mão, nem supunham ter de lutar.

Os Mouros é que não hesitaram!... Receberam-nos em som de guerra, lançando sobre eles uma chuva de setas. Insultaram-nos, perseguiram-nos, feriram muitos, mas não conseguiram matar nenhum.

Defenderam-se os nossos com tremenda coragem. E nos batéis da frota estala o som da artilharia, som que os Mouros nunca tinham ouvido e que os atordoou e encheu de pânico.

Fugiram assustados. Uns, feridos, para os batéis. Outros afogaram-se. Os restantes desapareceram a pouco e pouco. Enfim os Portugueses regressam vitoriosos à armada, mas aborrecidos com a infâmia do Xequê. E o que sucede, no entanto? Assim que chegam às suas naus, o Rei Mouro, arrependido, apresenta-lhes propostas de paz!

Paz fingida, é claro, essa paz que o Xequê propõe.

Não que desejasse combater mais. Mas, vendo que não vencia frente a frente Vasco da Gama, resolveu enviar-lhe, e recomendar-lhe como bom, um piloto desleal, que não o coduziria à Índia, certamente, mas que faria naufragar a frota na primeira ocasião.

Vasco da Gama aceitou o piloto; mas, homem prudente, já não acredita muito nos conselhos que ele dá.

E bem fazia, na verdade, pois o piloto queria levá-los para uma outra ilha, chamada Quíloa, onde novos e cruéis Mouros receberiam os Portugueses pior, muito pior ainda do que os primeiros.

Apesar desse cuidado, as caravelas de Vasco da Gama teriam aportado a Quíloa — por não haver terra mais perto — se os ventos contrários não afastassem as naus para longe.

Vénus, amiga dos Lusitanos, lá conseguira este favor da Natureza...

Estariam salvos já da infame ardileza os valentes e ameaçados nautas?

Ainda não...

O piloto, se os não pôde fazer aportar na segunda ilha da traição, outra reservava ainda para os deixar lá, destroçados e mortos.

Promete levá-los a uma cidade cristã, onde encontrariam seus irmãos de crença — e conduz os navios a Mombaça, terra de pagãos.

Ali chegados, o Rei da povoação manda-lhes um recado muito amável — e, bem industriado pelo espírito de Baco, sempre no encalço dos Portugueses — afirma-lhes que os receberá como é devido a gente tão ilustre e tão nobre.

Rejubila Vasco da Gama. Pensa que vai descansar enfim uns dias, antes de recommear a trabalhosa e fatigante jornada.

Ai dele e dos nossos, todavia, se porventura se tivessem fiado em tais palavras!...

Mal vai sempre a quantos não usam de cautela e acreditam nas palavras de quem não conhecem bem!

Como o Xequê da Ilha de Moçambique, o Rei de Mombaça envia um mouro a bordo da nau almirante, que oferece aos Portugueses água e mantimentos — e convidamos a visitar a cidade.

Nela — diz esse embaixador — encontrariam os nossos um povo cristão e seriam fornecidos de tudo quanto precisassem ou ambicionassem, até de especiarias e de pedras preciosas.

Para comprovar a sua amizade, envia-lhes o Rei belos e ricos presentes, que Vasco da Gama recebe sem suspeita.

Mas a experiência ensinara-lhe já a precaver-se. E, para evitar surpresas desagradáveis como aquela que já tivera — manda primeiro a terra dois marinheiros espertos, para observarem bem o que lá se passava, e se lá havia realmente cristãos.

Mais uma vez, no entanto, o maldoso Baco urdira uma das suas perfídias.

Tal como se tinha já transformado em favorito do Xequê de Moçambique, transforma-se agora em sacerdote, e põe-se de joelhos diante de um altar que tinha fabricado.

Julgaram os Portugueses ver um padre da sua religião e ficaram muito contentes.

De mais a mais, os Mouros tratavam-nos com aparente bondade e simpatia.

Por isso, ao voltarem à nau de Vasco da Gama, acompanhados por vários mouros que ofereciam agasalho e paz, trouxeram as melhores informações.

Baco e os Mouros iam vencer aleivosamente os Portugueses, se as caravelas chegassem a ancorar nas águas de Mombaça...

Velava, porém, a Deusa da Ternura, Vénus, a mais linda de todas as Deusas.

E, quando as naus entravam na barra, Vénus, escondida na espuma das vagas, com outras Deusas do Mar, impeliram a armada para fora, para o Mar largo, como se fossem a própria força da maresia...

Obrigados pelo ímpeto das ondas, desistem os Portugueses de fundear.

Os Mouros que cercavam nos seus batéis os nossos navios julgam então que Vasco da Gama adivinhara o seu intento, tão pesada lhes está a consciência!

Fogem receosos e gritando.

O piloto, o piloto desleal dado pelo Rei de Mombaça, lança-se ao Mar! Vasco da Gama, ao ver tudo isto, compreende a armadilha em que fatalmente cairia, se porventura

tivesse chegado mais próximo da terra. Mede a luta desigual — contra os elementos e a maldade dos homens — que vai sustentando com os seus companheiros.

E reconhecendo quanto a Providência o tem auxiliado, e como tem livrado de perigos e traições os seus navios, lançados em viagem tão difícil, agradece a ajuda divina.

E a Deus roga que enfim o conduza à Índia ou, pelo menos, a um porto sossegado onde possam todos descansar das longas provações sofridas, onde todos possam repousar sem medo e refazer as forças exaustas...

III – O REI DE MELINDE ACOLHE OS PORTUGUESES

Vénus, a linda e carinhosa protetora dos Portugueses, ouviu a súplica de Vasco da Gama.

Sai das espumas, onde se ocultara, e corre para junto de seu Pai, que no Palácio dos Deuses — Olimpo se chamava este palácio — logo a recebeu e acolheu festivamente.

Vénus chora a desdita do seu povo, que tão audacioso se mostrava, e que tão maltratado era pelo Destino.

Com os olhos cheios de lágrimas diz ao Pai:

— Nunca julguei, meu Pai, que abandonasses os Portugueses à fúria e à maldade de Baco.

»Amo esse povo glorioso, e tu o deixas entregue aos caprichos dos seus inimigos!

»Antes eu não o estimasse tanto! Decerto o guardarias melhor...

E chorava cada vez mais, sufocada e tristíssima.

Júpiter, que lhe queria bem, como os pais querem sempre às filhas, abraçou-a e beijou-a muito. E sorrindo respondeu-lhe:

— Não, minha formosa filha, não temas sorte contrária para os teus Lusitanos.

»Não penses que, mais do que tu, possa outrem influir no meu ânimo a respeito deles.

»Prometo que tais feitos eles praticarão no Oriente, que farão esquecer todas as proezas dos outros povos do Mundo.

»Mostrarão novos mundos ao Mundo. Edificarão cidades. Desbaratarão os Turcos feroces. Subjugarão ao seu poder o Rei das Índias. E darão leis justas e sábias a todos quantos governarem.

»Ver-se-á até um dia o Mar, agitado por violento terramoto submarino, sossegar ao ouvir a voz calma de Vasco da Gama, dominando o receio de alguns dos seus companheiros...

»Verás aquela terra de África, onde lhe recusaram água e mantimentos, tornar-se mais tarde um povo lusitano, onde os outros navios, que do Ocidente vierem, acharão abrigo e paz.

»O Mar Vermelho, sempre tão bravo, há de amansar-se para os seus galeões.

»Ormuz, Reino poderoso, duas vezes será por eles tomado aos Mouros, que expulsos dessa região opulenta aprenderão que todos quantos combatem contra os teus protegidos, combatem afinal contra si mesmos.

»Verás Diu, a fortaleza inexpugnável, duas vezes cercada, vencida e conquistada também. E Goa, que a valentia dos Portugueses saberá tornar senhora e capital de todo o Oriente; e Cananor, onde um pequeno punhado de Lusitanos manterá o seu domínio; e Calecute, cidade populosa e potente, caindo às suas mãos.

»E Cochim, gloriosamente tomada...

»Nunca, Filha minha, houve no Mundo tantas vitórias como aquelas que os Portugueses vão ganhar no Oriente.

»E não só na Índia!...

»Irão até Malaca, e até à China!

»E até às ilhas mais remotas da Ásia, obedecendo o Oceano à audácia das suas naus, e deixando-as navegar livremente e sem temporais...

»Esforço mais do que humano será o esforço dos Lusos, não se tendo visto nunca tão grande coragem do Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul do Globo.

»Eu o sei, eu o adivinho, eu o profetizo, eu o prometo.

Assim que disse estas palavras, Júpiter ordenou a Mercúrio, seu habitual mensageiro, que em sonhos aparecesse a Vasco da Gama e lhe indicasse um porto seguro e acolhedor...

Dormia o Capitão na sua nau, quando Mercúrio em sonhos lhe apareceu, murmurando:

»Foge imediatamente destas paragens traiçoeiras. Numa terra perto do Equador, onde o dia é igual à noite, encontrarás um Rei amigo e hospitaleiro, que te agasalhará e indicará piloto sabedor e honrado, capaz de te conduzir à Índia...

Vasco da Gama acorda, ainda no espanto deste sonho.

Vendo no ar um vivo clarão — sinal certo de coisa extraordinária — pensou que o melhor seria obedecer às indicações do estranho sonho.

Manda dar velas ao vento, levantar as âncoras e partir... Os Mouros de Mombaça, escondidos nos seus barcos — não imaginando o que ele tencionava fazer —, cortam então as amarras das caravelas, tentando assim fazê-las dar à costa!

Os Portugueses perceberam logo a maldade, mas nem tiveram tempo de castigá-la, tão depressa os Mouros rugiram ao sentir-se descobertos.

Era a última traição, última e inútil, daqueles torpes Infiéis!

A caminho da terra hospitaleira, proas ovantes, as naus lusitanas, cortando a espuma das ondas, foram vogando então para a terra anunciada por Mercúrio...

Em dois navios tomados no caminho, e tripulados por Mouros menos ferozes que os de Mombaça, Vasco da Gama encontrou, não quem lhe ensinasse a direção da Índia, mas informação exata sobre o vizinho porto de Melinde, onde achariam piloto.

Disseram os Mouros que o Rei de Melinde era humano e generoso, como já a Vasco da Gama o anunciara em sonho o enviado de Júpiter.

E num sábado de Aleluia, quando a Terra e o Mar estão já alegres e bonitos com o sol da primavera, aportaram as naus lusitanas a Melinde...

São mouros também os habitantes de Melinde, mas não falsos e cruéis, como os de Mombaça e de Quíloa.

O contentamento deles, ao ver a frota, manifestou-se imediatamente. E o eu Rei quer e pede que os seus visitantes venham a terra.

Oferece-lhes tudo quanto possui. Envia-lhes para bordo carneiros, galinhas e frutas, manjares preciosos e boas bebidas.

Vasco da Gama não quer ser vencido em generosidade e em troca dá-lhe sedas ricas e corais finos, e manda a terra um oficial encarregado de dizer quem são os Portugueses, o que pretendem, quais as suas intenções pacíficas, e o seu poder e o seu valor.

Tudo isto o oficial da frota explica ao Rei de Melinde. E mais lhe diz que Vasco da Gama não sairá da sua nau — não porque desconfie ou receie dos Melindanos, mas porque é dever do capitão da frota não a abandonar nunca, nem à gente que está sob as suas ordens.

O Rei de Melinde ouve afavelmente o oficial português. E acreditando em tudo quanto ele afirma, e louvando a coragem dos Lusitanos que tão longa e difícil viagem fizeram, promete ir visitar a bordo o Capitão ilustre, já que ele não poderá desembarcar — por dever que muito respeita e admira.

No dia seguinte, a visita do Rei a bordo fez-se com toda a pompa, mas já a noite fora de grande festa.

Na armada e na terra houve fogo de artifício, danças e cantos, que só terminaram quando o Rei e os nobres vieram de barco saudar Vasco da Gama.

Um e outro vestiam fatos riquíssimos e novos — o Rei envolto em luxuosa cabaia de seda, com um grande colar de oiro ao pescoço, e uma adaga na cinta, de aço e oiro bem lavrados.

Nos pés, sapatos de veludo, bordados e cobertos, como as próprias vestes, dessas pérolas pequeninas que se chamam aljófar...

Um guarda-sol imenso, também de seda e com haste doirada, protege o Rei dos raios do Sol.

No seu batel toca uma bela música à proa, alegremente.

E para o receber o grande Vasco da Gama — todo vestido de seda vermelha, com botões de oiro nas mangas, com as calças e o gibão riquíssimo recamados de oiro, espada de oiro, e pluma no gorro — parece outro Rei.

Tocam as trombetas; estoiram as bombardas, enchendo tudo de fumo; sobem ao ar vivas e aclamações festivas.

Vasco da Gama acolhe no seu batel, abraçando-o, o Rei amigo.

Este queria visitar a frota, e conhecer todas as coisas que os Portugueses traziam, e que ele nunca tinha visto.

Sobretudo a artilharia o espantava.

Vasco da Gama, certo de que essa curiosidade não ocultava nenhum propósito malévolo, tudo mostrou, tudo explicou sem receios.

Mas o maior desejo do Rei era saber principalmente donde vinham os Portugueses, a que país pertenciam, o que tinha feito o seu povo, e que religião seguiam.

Certamente — afirmava o Rei — não lhe eram ignorados o nosso nome ilustre e os nossos heroicos feitos na Europa e na África.

Mas, por isso mesmo, vendo os Lusitanos pela primeira vez, maior se tornava a ansiedade de conhecer enfim a sua glória imensa, de que só possuía notícia vaga e incerta...

Vasco da Gama, ancorado o batel em que os dois tinham visitado a frota, de pé diante do Rei e levantando a cabeça altiva, respondeu que só poderia satisfazer essa curiosidade contando

a grande e famosa história que é a História de Portugal — a história dos nossos feitos, das nossas conquistas, das nossas grandezas e atos sublimes.

Destarte mostraria àquele Rei potente que os Portugueses eram de uma raça bem merecedora de hospitalidade e do carinho, que ele espontaneamente dera aos navegadores e marinheiros de Portugal.

O Rei estava cheio de curiosidade. Sentou-se em cadeira doirada, junto dos seus, e preparou-se para escutar a magnífica narração.

Orgulhoso por evocar as glórias da sua grei, Vasco da Gama começou então a falar serenamente:

«Obedeço, ó Rei, ao teu desejo...»

IV – A MAIS LINDA HISTÓRIA DO MUNDO

Dir-te-ei primeiro —, começou Vasco da Gama, — que o meu País, o Reino Lusitano, está situado quase no cume da cabeça da Europa.

»Ali, a Terra acaba e o Mar começa.

»Ali, o Sol repousa no Oceano.

»Ilustre desde logo foi a minha Pátria ditosa e bem-amada!

Nela nasceu há muito tempo Viriato, pastor dos Montes Hermínios, vencedor dos Romanos, quando estes quiseram conquistar a terra que depois foi Portugal.

»Exemplo de coragem e lealdade, Viriato ensinou para sempre aos seus descendentes e continuadores a mesma lealdade e coragem.

»Mais tarde, um príncipe estrangeiro, de nome Henrique, que vinha de combater os Infiéis e defendera a Fé de Cristo na cidade de Jerusalém — então dominada pelos Turcos —, parou em Espanha e casou com Teresa, filha de um Rei de Castela.

Governava esse Rei parte da Península Ibérica, e deu em dote à filha a formosa região onde alvoreceu a nossa independência.

»Morreu o príncipe — e sua mulher casou com outro fidalgo. »Ambos governavam então o condado de Portugal — que só condado era nesse momento a terra que depois foi reino. »Erro muito grave, o desse casamento.

»Por direito de herança, o condado pertencia ao filho de Henrique e de Teresa — a Afonso Henriques —, e a mãe e o padrasto não lho queriam dar.

»Afonso Henriques, indignado, revoltou-se então contra os dois. »Acodem os Castelhanos a ajudar os seus amigos.

»Cercam Afonso Henriques em Guimarães.

»E ali teria ele morrido, se o seu aio Egas Moniz não promettesse ao Rei de Castela obrigar o pupilo à obediência completa.

»Promete Egas Moniz a submissão, promete! Mas não a promete Afonso Henriques, forte guerreiro, cioso da sua liberdade e da liberdade do povo que o acompanhava.

»Auxiliado por todos os seus, luta desesperadamente, porfia, teima e vence.

»O Reino de Portugal, a Pátria Portuguesa, começava assim a impor-se ao respeito e à admiração de todos.

»Porém Egas Moniz, flor dos cavaleiros, que tinha comprometido a sua palavra de honra em como Afonso Henriques não se revoltaria, vai levar em penhor a vida, e a vida de sua mulher e dos seus filhos, ao Soberano de Castela.

»Entrega-se ao castigo de uma culpa que não tinha praticado — português de altas virtudes, de lealdade sem par, um dos primeiros heróis que logo dignifica e engrandece a alma do nascente Portugal.

»Sublime ação, a sua, que até ao Rei de Castela comove, abrandando-lhe a cólera e levando-o a deixar partir, livres e tranquilos, Egas Moniz e sua família.

»Quando Egas Moniz volta, Afonso Henriques batalhava outra vez contra cinco reis mouros, no Campo de Ourique.

»Um jovem rei contra cinco reis experientes, um exército pequeno contra cinco exércitos numerosos!

»Na manhã do combate, mal rompia o Sol, Afonso Henriques e os seus soldados tiveram uma visão que os deslumbrou — Cristo apareceu-lhes, incitando-os à luta...

»Cheios de entusiasmo, os nossos atiram-se contra os Mouros, gritando pela primeira vez ao rodearem Afonso Henriques no ardor da refrega: “Real, Real, pelo Rei de Portugal.”

»Desbarataram os cinco reis mouros e os seus regimentos com formidável coragem.

»Alcançada a vitória, Afonso Henriques fica no campo de batalha três dias. No escudo da sua bandeira manda pintar cinco escudos azuis, em sinal dos cinco reis vencidos; e nos cinco escudos, para memória da visão que tivera de Cristo, põe trinta dinheiros, preço por que Judas vendeu Jesus — cinco em cada um, contando duas vezes o do meio...

»Quem, depois de tão grande triunfo, se atreveria a negar a independência, o direito à vida, de Portugal?

»Afonso Henriques toma definitivamente o título de rei e não descansa mais em tornar maior o seu reino. Leiria, Abrantes, Santarém, Mafra, Sintra, Lisboa — cidade fundada por Ulisses, fabuloso navegador grego — terras que estavam ainda em poder dos Árabes, foram conquistadas à força de bravura e audácia.

»Cinco dias resistiu Lisboa ao nosso Rei.

»Mas quem poderia resistir ao ímpeto dos nossos soldados?

»Caiu enfim a cidade em poder de Afonso! E logo a seguir, conquista ele a Estremadura toda, com Óbidos, Alenquer e Torres Vedras. Depois o Alentejo, com Elvas, Moura, Serpa e Alcácer do Sal, Palmela, Sesimbra e Badajoz — cujo rei era terrível —, e que já depois de conquistado, foi lealmente entregue pelos nossos aos Reis de Leão, visto que estava no território dos Leoneses.

»Mas as conquistas e vitórias de Afonso iam continuando.

»Quiseram os Mouros cercá-lo e prendê-lo, quando ele descansava em Santarém. Santarém era sempre terra muito ambicionada pelos inimigos, tão boa situação tinha e tantas riquezas possuía.

»Mas continuou em poder dos Portugueses...

»Afonso Henriques volta para Lisboa, e, velho já e enfim cansado, manda seu filho Sancho prosseguir na luta contra os Mouros, e conquistar-lhes terras para engrandecer Portugal.

»Muito combateu Sancho. E o principal rei que venceu foi o Imperador Miralmumini, que tinha treze reis às suas ordens, fora soldados incontáveis e muitíssimas armas.

»Miralmumini, sabendo D. Sancho em Santarém, tinha decidido conseguir desta vez o que os seus predecessores não tinham conseguido contra Afonso Henriques.

»Põe cerco à cidade, cerco apertado e severo, que D. Sancho não pôde romper...

»Resiste, no entanto, dentro dos muros de Santarém longos e longos dias, e repele.

»O pai, que descansava nesse momento em Coimbra, sabe do ataque dos Mouros — e que entre eles está o famoso e terrível Miralmumini.

»Parte logo a socorrer o filho... »Os Portugueses de Santarém, e os outros que vinham de Coimbra, caem todos ao mesmo tempo sobre os Mouros e vencem-nos de vez.

»Fogem os Mouros em tropel.

»Miralmumini, o grande chefe, fica morto no campo... »Foi esta a última vitória de D. Afonso Henriques. Morreu pouco depois.

»Choraram-no os homens, as mulheres, a gente toda de Portugal. E até a terra da Pátria pareceu também chorar por ele, na voz lamentosa dos rios, nos ecos dos altos promontórios, e no fluir e refluir das searas ao vento... E a sua fama correu mundo, tão altas proezas praticara o primeiro Rei dos Portugueses...

»Outros reis fortes lhe sucedem, cobrindo-se de glória na conquista da terra lusitana aos Mouros.

»Até que chega o reinado de D. Dinis, que — liberto Portugal inteiro do jugo árabe — pôde mandar edificar cidades e castelos, fundar escolas célebres, como a Universidade de Coimbra, cultivar as Letras, as Artes e as Ciências na sua corte, semear a terra, plantar pinhais, e ensinar aos nossos o valor e a vantagem do saber.

»Foi seu filho, Afonso IV, um Rei valente entre os mais valentes. Estava-lhe reservado o destino de, como os seus antepassados, se defrontar ainda com os Mouros e vencê-los outra vez...

»É que estes, novamente temerários, invadiram Castela »Era o Rei de Castela casado com a Princesa Maria, filha queridíssima de D. Afonso IV.

»Quando viu o marido em perigo de perder os seus domínios — muitos e atrevidos eram os Mouros que tentavam roubar-lhos — procura o Pai, chorosa, e pede-lhe auxílio.

»Não eram os Portugueses grandes amigos de Castela, já se sabe. Mas eram muito mais inimigos dos Mouros...

»Juntaram-se, pois, com os Castelhanos. E de manhã até à noite, aos gritos de Santiago! Santiago! — Santiago era o protetor dos Cristãos — tantos, tantos infiéis perseguem e matam, que ao fim do dia nenhum mouro vivo se avistava mais ali.

»Ficou célebre esta batalha, que se deu no Campo do Salado.

»Nunca mais os Portugueses precisaram de combater os Mouros em terras suas ou de Espanha — e a Glória de D. Afonso IV, como a de Afonso Henriques, ficou eterna na lembrança dos Portugueses.

»Mas, ai de nós!

»Um caso triste aconteceu então, um caso de infelicidade e crueldade, mas que mostra quanto é sincero e terno, sendo forte e corajoso, o coração dos Portugueses...

»Tinha D. Afonso IV um filho, D. Pedro, rapaz alegre e destemido, que gostava muito de uma dama da Rainha, chamada D. Inês de Castro.

»Em Coimbra, numa quinta a que mais tarde se deu o nome de Quinta das Lágrimas — pelos trágicos acontecimentos que lá se deram — vivia em sossego a linda D. Inês.

»Ora o Príncipe não podia casar com uma senhora qualquer, mas só com uma princesa de sangue real. Assim o exigiam nesse tempo os usos e normas da corte. Se Pedro não os cumprisse, não o deixariam talvez ser Rei...

»Por isso, muito se afligia D. Afonso, vendo o filho tão preso dos encantos de Inês, e não querendo casar-se com nenhuma Princesa verdadeira.

»Aconselha-se o Rei com os seus ministros — e resolveram tirar a vida à pobre D. Inês, cujo único pecado e crime era amar o seu príncipe.

»Vão buscá-la a Coimbra e trazem-na arrastada à presença do Rei.

»Apertando muito ao peito os filhinhos que tinha de D. Pedro, Inês chora, geme, pede e suplica piedade, não para ela, mas para os filhos, que, ficando órfãos, que perdendo a mãe, tudo perderiam. Roga a D. Afonso que antes a exile para um deserto, mesmo entre feras bravas, mas que não roube o seu amor às criancinhas que traz ao colo, inocentes de todo o mal e de toda a culpa...

»Ainda se comove o Rei, mas não se comovem os conselheiros.

»De mais a mais, ela era castelhana, e o povo não gostava das mulheres vindas do país, cujo povo tinha sido e era seu inimigo. Uma rainha castelhana era coisa que não queriam os Portugueses; mas, se tivessem visto Inês chorando e abraçada aos filhos, de certo lhe teriam perdoado...

»Os ministros é que não perdoavam... Arrancam das espadas de aço fino, e trespassam o seio da formosa Inês.

»Mas, assim que ela morreu, chorou-a todo o povo, e até a choraram os seus mais cruéis inimigos, tão nova e bonita era a apaixonada de D. Pedro.

»As águas do Mondego ficaram a correr melancólicas — e uma fonte nasceu no sítio onde ela costumava encontrar-se com o seu amado Pedro, uma fonte plangente e cristalina que se ficou chamando “Fonte dos Amores”.

»D. Pedro não esqueceu nunca a sua querida Inês, que ainda a morrer gritava por ele.

»Assim que subiu ao trono, coroou-a rainha, como se viva fosse, entre festejos e pompas solenes. E castigou com severidade os ministros responsáveis da sua morte.

»Mas nem só a eles castigou. Enquanto reinou nunca perdoou nenhum crime, e não consentiu jamais que nenhum homem mau vivesse tranquilo e impune.

»Foi justo e, por vezes, cruel. Mas, austero e bravo, soube defender o seu reino das cobiças alheias.

»O filho que deixou, D. Fernando, bem diferente nasceu...

»Por seu descuido, esteve o reino quase a ser conquistado pelos Castelhanos, que a todo o momento entravam pelo nosso País dentro, assolando-o, assassinando gente, perseguindo e roubando os habitantes...

»Mole, sem energia, D. Fernando não cumpria os seus deveres de rei e só pensava na mulher, D. Leonor Teles, que era uma castelhana traidora, desejosa de entregar a nossa Pátria ao domínio dos seus patrícios.

»Rei fraco, D. Fernando não sabia resistir aos embustes da formosa Leonor Teles. E um fraco rei faz fraca a forte gente... Fortes eram decerto os Portugueses, mas tão mal mandados e governados, que pareciam fracos também, afinal...

»Portugal andava ao acaso, sem tino, como um barco levado no furor de uma tempestade.

»São homens para vencer tempestades, os Lusitanos, embora às vezes os julguem descuidados ou adormecidos. Mais uma vez mostraram que o não estavam...

»Morto D. Fernando, reagem os nossos contra os perigos que os cercam.

»Elegem rei o Mestre de Avis, D. João I, e matam os fidalgos que os traíam.

»D. Leonor Teles, que tinha uma filha casada com o Rei de Castela, incita o genro a invadir Portugal. Dizia ela que a sua filha era a herdeira do reino! Queria impô-la à força como rainha, e entregar a nossa Pátria aos Castelhanos!

»Os Portugueses serem governados por estrangeiros... Podia lá ser!...

»Juntam-se todos em torno do Mestre de Avis e preparam-se para combater os inimigos, que, de Castela, da Andaluzia, de Toledo, da Galiza, da Biscaia, das Astúrias — de toda a Espanha, enfim — avançavam sobre a nossa terra. Era o maior exército que jamais os Castelhanos tinham formado!

»O perigo era tremendo. Mas D. João, a quem a força cresce com a coragem, ajudado pelo grande Nun'Álvares Pereira, organizou logo milícias aguerridas, chamou o povo a combater, estimulou os ânimos fracos, entusiasmou os valentes, envergonhou os cobardes.

»Alguns resistiam ainda, mal habituados a lutar.

»Mas Nun'Álvares vai falar-lhes e persuadi-los.

»A mão na espada, o olhar firme, clama a esses habitantes compatriotas:

»Como pode haver gente portuguesa que recuse lutar, gente deste país que sempre foi o maior na guerra? Não será dever nosso defender a Pátria?

»Negará um português a sua fé, o seu amor, o seu esforço e a sua inteligência — deixando o Reino sujeitar-se a outrem?

»Não sois vós, meus amigos, descendentes daquela raça que venceu já os Castelhanos à sombra da bandeira do heroico Afonso Henriques?

»E no tempo de D. Dinis, a vossa coragem não era a mesma?

»Se D. Fernando foi quem vos tornou tão fracos, tornai-vos fortes agora com o vosso Rei novo!

»Tão grande ele é, que se o igualardes no valor, desbaratareis tantos exércitos quantos quiserdes...

»E, se estas palavras vos não movem, se o medo vos prende as mãos cobardes, eu sozinho resistirei ao jugo alheio...

»Eu só, com os meus vassalos e com esta espada, defenderei do inimigo a terra que nunca ninguém subjugou. E não só destes inimigos de hoje, mas de todos aqueles que vierem ainda, contrários à nossa Pátria e ao nosso Rei

V – O GIGANTE ADAMASTOR

Estávamos então em julho, quando o Sol, na sua mancha sobre o Zodíaco, entra no signo do Leão.

»A armada singrava pelo Oceano fora, e lá iam desaparecendo o Tejo querido, e a fresca Serra de Sintra, onde nos ficavam os olhos e o coração cheio de saudades... Por fim já não víamos senão o Céu e o Mar.

»Fomos sulcando sempre o Atlântico, o mar que os Portugueses desvendaram à busca das novas ilhas e dos novos países, que o Infante D. Henrique mandara descobrir e povoar.

»Montes da Mauritània, terra de Anteu ou Marrocos; a linda e grande Ilha da Madeira, assim chamada pelo muito arvoredo que tem; a estéril costa do deserto do Sara, onde nem aves, nem ervas, nem frutos existem — surgiam-nos à vista. Deixámos depois as últimas paragens do nosso clima temperado, entrando naquelas regiões cujos habitantes o Sol queima e torna negros...

»As ilhas das Canárias e de Cabo Verde foram aparecendo aos nossos olhos.

»Neste último arquipélago encontrámos um bom porto em Santiago, ilha que tem o nome do Santo que foi sempre temor dos Mouros. Ali descansámos e tomámos mantimentos.

»Outras regiões ficaram para trás, no mesmo caminho do Sul: a Ilha de S. Tomé, que já era nossa, e o Reino do Congo, pelos Portugueses convertidos à Fé de Cristo. Ali corre o Zaire, rio claro e longo, que também os nossos descobriram.

»Atravessámos o Equador.

»Vimos despontar a constelação do Cruzeiro do Sul, que ninguém vira antes dos nossos primeiros navegadores terem corrido tão longas rotas do Atlântico...

»E nesses climas tropicais, onde a luz do Sol é mais intensa e viva, sofremos calmarias e tempestades, e os vendavais fortíssimos que Éolo — o Deus do Vento — solta sobre o Mar. Dissemos então adeus à Ursa Maior e à Ursa Menor, constelações que brilham no hemisfério donde vínhamos, e que desapareceram então do Céu, mergulhando no Mar...

»Contar agora os perigos do Oceano, as súbitas e terríveis trovoadas, os relâmpagos que parecem pegar fogo ao Céu, as negras chuvadas, as noites tenebrosas, os bramidos dos ventos — não é possível, ó Rei!

»Vi casos extraordinários, em que só acreditam os mais rudes e experientes marheiros, habituados a difíceis navegações, mas que parecem falsos e mentirosos, a quem nunca andou no mar alto...

»Vi o Santelmo, lume vivo que voa sobre as ondas, nas horas de tormenta escura e triste.

»Vi as nuvens sorver, como por um alto cano, as fundas águas do abismo — espetáculo que mete medo.

»Primeiro levantou-se no ar um vaporzinho, um fumo leve, que se enrolava à volta de si mesmo, e se erguia até ao Céu, mas tão delgado, que era difícil distingui-lo. »Parecia feito só de nuvens.

»Começou a engrossar chupando a água, ondeando como as ondas, enquanto uma densa nuvem surgia por cima dele.

»Inchava a grande coluna a cada instante, alargava-se cada vez mais, e alargava com ela a nuvem que suportava.

»Por fim, quando ficou bem cheia, a rebentar, o pé que tinha no mar recolheu-se, separou-se, e a nuvem caiu em aguaceiro sobre as vagas, mas já sem o sabor a sal...

»Esta, que se chama “tromba”, foi uma das grandes maravilhas que eu vi, entre tantas e tantas outras.

»Mas as maravilhas tantas foram, que os antigos sábios, se as conhecessem, grandes livros teriam escrito para as estudar e descrever.

»Mas nós não tínhamos sequer tempo de pensar nelas! Seguíamos sempre, vendo o Mar, as correntes e o vento.

»Quatro meses tinham passado desde a partida de Lisboa, quando, da gávea altíssima, um marinheiro nos brada: Terra! Terra!

»Uma bela baía nos apareceu dos lados do Oriente.

»Desembarcámos logo.

»Com o astrolábio tomámos a altura, e reconhecemos estar no Sul da África.

»Vimos depois um preto, de estranhas feições, que ia buscar favos de mel a uma montanha próxima. Foi logo cercado pelos nossos, não para lhe fazerem mal, mas para que desse informações sobre aquela terra.

»Mostraram-lhe tecidos de oiro, prata fina e especiarias.

»Quedou-se a olhar pasmado, sem compreender nada, sem dizer palavra.

»Eu mesmo ofereci-lhe então contas de vidro, guizos de oiro, um belo barrete vermelho... Eram os presentes que lhe agradavam. Alegrou-se então o preto, que era coiboso daquelas coisas.

»Conduziu-nos à povoação que havia perto.

»Fomos tão bem recebidos naquele dia e no dia seguinte pelos pretos com quem fizemos várias trocas, que o nosso companheiro Fernão Veloso se atreveu, estando eu já embarcado, a ir ver o interior da terra.

»Avança sem medo, descuidado, mas não tardou muito que voltasse mais apressado do que partira. Receei, ao vê-lo correr, a presença de qualquer perigo ainda desconhecido. E logo mandei gente num batel para lhe prestar socorro.

»Mas nessa altura, os negros avançam para ele, e furiosamente o perseguem.

»Deço à terra, aflito, não vão os pretos matar Veloso. Mas uma espessa nuvem de setas e pedradas caiu sobre nós.

»Tivemos de lutar contra este injusto e malévolo assalto. Mas conseguimos enfim salvar Veloso, que nos disse então que, se os negros o atacavam, era só na ideia de nos forçar a ir defendê-lo, e poderem matar-nos todos juntos.

»E Veloso, sempre sorridente, dizia-nos também que tinha corrido tão depressa, não por medo — o impostor! — mas para não deixar partir sem ele os seus leais amigos!

»Não havia tristezas na frota, como vês, grande Rei...

»Navegámos cada vez mais por diante, vencendo sempre com boa cara os perigos incessantes que surgiam.

»Mas, cinco dias depois da aventura de Veloso, numa noite em que sopravam ventos prósperos, estando nós de vigia, uma nuvem imensa, que os ares escurecia, apareceu de súbito sobre as nossas cabeças.

»Tão temerosa e carregada vinha que os nossos valentes corações se encheram de pavor!

»O Mar bramia ao longe, como se batesse nalgum distante rochedo. Tudo infundia pavor. E nunca na nossa viagem tínhamos encontrado nuvem tão espessa e tão assustadora. Todas as tempestades pareciam vir dentro dela, para de lá saírem e nos assaltarem.

»Erguendo a voz ao Céu, supliquei piedade a Deus.

»Mal acabava de rezar — e logo uma figura surgiu no ar, robusta, fortíssima, gigantesca, de rosto pálido e zangado, de barba suja, de olhos encovados, e numa atitude feroz.

»Os cabelos eram crespos e cheios de terra. A boca era negra. Os dentes amarelos.

»Tão grandes eram os seus membros, que julguei ver um segundo Colosso de Rodes, esse colosso que era uma das sete maravilhas do Mundo, de tal maneira alto que, diz-se, por baixo das suas pernas passavam à vontade enormes navios!...

»Num tom de voz grossa, como a voz do mar profundo, começou a falar-nos.

»Arrepiámo-nos todos, só de ouvir e de ver tão monstruosa criatura.

»Disse então o Gigante, voltando-se para nós:

«Ó gente ousada mais do que nenhuma outra, que nunca descansais de lutas e combates, já que não temeis ultrapassar os limites onde ninguém mais chegou, e navegar os mares que me pertencem; já que vindes devassar os meus segredos escondidos, que nenhum humano deveria conhecer — ouvi agora os danos que prevejo para vós, para a vossa raça, que subjugará no entanto ainda todo o largo Mar e toda a imensa Terra.

»Ficai sabendo que todas as naus que fizerem esta viagem encontrarão — castigo merecido do seu atrevimento sem par! — as maiores dificuldades nestes meus domínios. E sofrerão o horror de tormentas desmedidas.

»Punirei de tal modo a primeira armada que vier aqui depois da vossa frota, que os seus tripulantes mal sentirão talvez o perigo de me defrontarem. Mas não de chorar depois o dano que eu lhes fizer...

»Hei de me vingar de quem primeiro me descobriu, do vosso Bartolomeu Dias, fazendo-o naufragar aqui mesmo.

»E outras vinganças imprevistas executarei...

»D. Francisco de Almeida deixará aqui a sua glória e os troféus que arrancar aos Turcos. Manuel Sepúlveda verá aqui morrer os filhos queridos, verá aqui sofrer mil ferimentos a sua mulher, que os negros cafres não de torturar e matar.

»E tantos, tantos mais dos vossos, não de experimentar a fúria do meu ódio pela audácia de me inquietarem, perturbando a solidão em que vivo e quero viver...» «Era tão assustador o que me dizia o monstro horrendo, que eu o interrompi, perguntando-lhe quem ele era, e porque estava assim tão zangado.

»Retorcendo a boca e os olhos, e lançando um espantoso brado, respondeu-me em voz pesada e amarga, como quem se aborrecera da pergunta feita:

»Eu sou aquele oculto e grande Cabo, a quem vós tendes chamado Tormentório, e que ninguém, a não ser vós, Portugueses, algum dia conheceu e descobriu.

»Sou um rude filho da Terra, e meu nome é Adamastor.

»Andei na luta contra o meu Deus, contra Júpiter, e, depois, fiz-me capitão do mar e conquistei as ondas do Oceano.

»E então me apaixonei por Tétis, princesa do mar e filha de Neptuno.

»Ai de mim!... Sou tão feio, tão horrível, que ela nem me podia olhar!

»Determinei conquistá-la à força e mandei-lhe participar esta minha intenção.

»Tétis fingiu aceitar o meu pedido de casamento...

»E julguei certa noite vê-la e supus que vinha visitar-me e combinar as nossas bodas.

»Deslumbrado, corri como um doido para ela e comecei a abraçá-la.

»Mas nem sei de tristeza como conte o que me sucedeu...

»Julgando abraçar quem amava, achei-me de repente abraçado a um duro monte, coberto de mato bravio e espesso. Tétis transformara-se em rocha feia e fria!

»Vendo um penedo a tocar a minha fronte, em lugar do rosto angélico de Tétis, penedo me tornei também, de desespero.

»Em penedos se me fizeram os ossos, a carne em terra inculta, e estes membros e esta figura que te horroriza estenderam-se pelo mar fora.

»Enfim, a minha grandíssima estatura converteu-se neste remoto Cabo.

»E, para redobrar as minhas mágoas, Tétis anda-me sempre cercando, transformada em onda.

»E, como as ondas, que ora estão junto da praia, ora dela fogem para o mar alto, assim faz a princesa do Oceano — ora está perto, ora longe de mim, nunca se deixando prender, nunca ficando tranquila entre os meus braços de pedra...

»Assim contou a sua história o Gigante Adamastor... E logo em seguida a nuvem negra, que nos escondia o Céu, desfez-se — e o Mar bramiu ao longe, muito ao longe...

»De novo rezei a Deus, pedindo-lhe que nos guardasse dos perigos que o Adamastor anunciara.

»Quando a manhã rompia, é que avistámos e torneámos o Cabo em que se tinha convertido o grande gigante. »

Descansámos algum tempo numa terra agradável, onde os pretos nos receberam muito bem, dando-nos galinhas e carneiros, e deixando-nos levar água doce dos seus rios.

»Tínhamos então corrido já a costa da África, e aportávamos ao ilhéu onde fundeara a frota de Bartolomeu Dias, que antes de todos os Europeus ali estivera.

»A proa dos nossos barcos voltava-se para o Norte, demandava de novo o Equador.

»Muitos dias viemos cortando o Mar, entre incertezas e temporais.

»Uma corrente fortíssima não nos deixava subir a costa. Mas o vento sul empurrava as nossas velas, e conseguimos navegar assim levados por ele.

»No Dia dos Reis Magos, outra vez abordámos a uma praia hospitaleira, embora não conseguíssemos entender-nos com nenhum dos seus habitantes, nem obter por isso nenhuma notícia sobre a Índia, que demandávamos.

»Um largo rio corria nessa praia. Batizámo-lo com o nome de Rio dos Reis.

»E, de novo, seguimos viagem...

»Imagina, ó Rei, a nossa inquietação — não encontrando gente com que nos entendêssemos, nem sinal algum do Oriente!

»Cheios de fome, exaustos da longa viagem por climas e mares desconhecidos, e tão cansados de esperar que já desesperávamos...

»Os mantimentos apodreciam. A água de beber faltava. E ter-se-iam revoltado os marinheiros, tão desgraçados se sentiam, se o culto da lealdade, se a fiel obediência ao seu comandante e o amor da Pátria longínqua não fossem neles mais fortes do que o sofrimento e a fome.

»Mas já receávamos nunca poder chegar à Índia desejada...

»Pela foz de um rio, que desaguava noutra praia onde passámos, saíam e entravam batéis conduzidos por mouros.

»Um dos nossos, Fernão Martins, que sabe falar árabe, com eles conversou.

»Dão-nos os Mouros notícia da terra que procurávamos. Dão-nos enfim sinais do Oriente!

»Alegrámo-nos todos, e logo fomos erguer um padrão da nossa passagem naquele sítio. Chamámos ao rio, para memória da boa nova, Rio dos Bons Sinais. Lá ficou o padrão, atestando a nossa presença.

»Repousámos alguns dias limpando os cascos dos navios, sujos de tão longa travessia.

»Estávamos contentes, bem-dispostos e cheios de esperança, quando a doença nos assaltou.

»Morreram então muitos dos nossos que ali ficaram enterrados.

»Voltou a inquietação e a tristeza. E partimos chorando, na saudade de tantos bons portugueses, perdidos para sempre, sepultos na terra estranha.

»E, depois do maldoso acolhimento que tivemos em Moçambique e em Mombaça — e que decerto já conheces — eis-nos no teu seguro porto, junto do teu bom povo, cuja brandura e afável tratamento darão saúde aos vivos, e seriam até capazes de dar vida aos mortos...

»Depois deste cumprimento ao Rei de Melinde, que tudo ouvia com atenção e interesse, Vasco da Gama acrescentou: — Tudo te contei que me pediste, ó Rei! Dize-me tu agora se julgas que outra gente no Mundo pudesse arrojar-se a tal empresa e tenha visto, do que eu vi e ainda hei de ver, a oitava parte!... Não há aventuras sonhadas que valham as minhas, e a verdade que eu descrevi e narrei vence tudo o que se tenha inventado a propósito de heróis imaginários e fabulosos!

Os Melindanos, embevecidos, embora não compreendendo as suas palavras, escutavam o capitão eloquente.

E, quando ele se calou, o Rei louvou o grande herói e os seus companheiros pelos feitos praticados, e pela sublime coragem que tinham mostrado em lances tão sérios e em travessia tão arriscada...

Voltou o Rei ao seu palácio, e o Gama ao seu navio, despedindo-se um do outro com manifestações de muita amizade. Os Portugueses sentiam-se contentes com o elogio do seu povo, feito pelo Almirante, e reconfortados com o acolhimento dos Melindanos.

E estes, por sua vez, orgulhosos dos hóspedes que tinham, repetiam e comentavam a linda História de Portugal, digna de glória eterna e da admiração de todo o Mundo!...